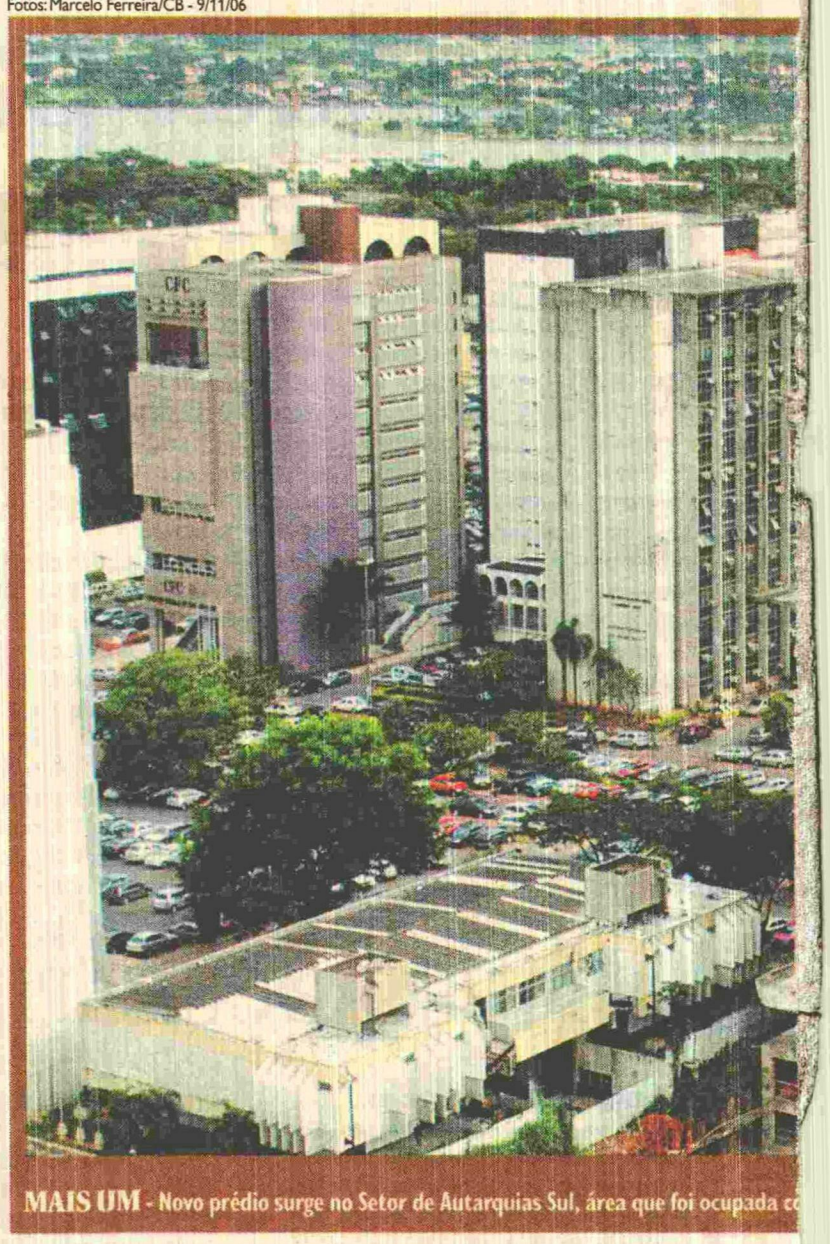
Distrito Federal - Brasília

URBANISMO

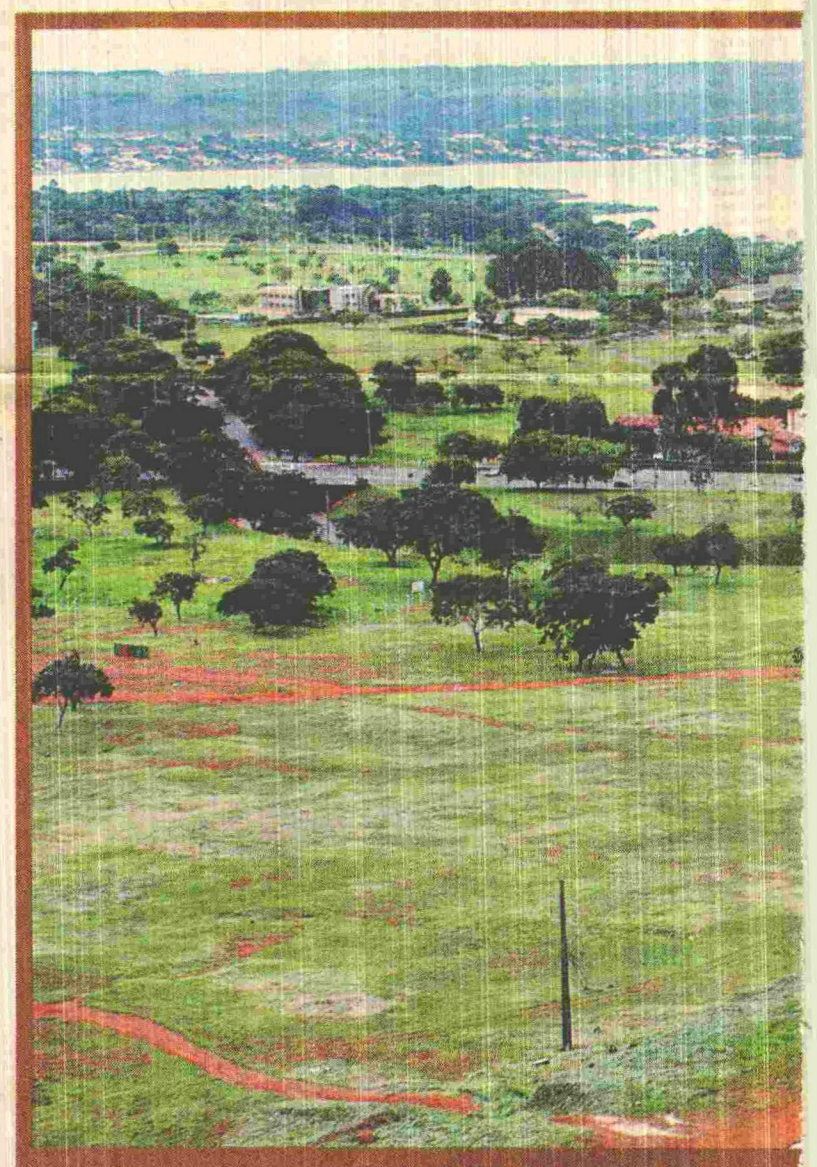
A cidade inaugurada em 1960 nunca ficou de todo pronta. Até hoje, há imensos terrenos vazios em áreas nobres d

Brasília VAZIA

Fotos: Marcelo Ferreira/CB - 9/11/06



MAIS UM - Novo prédio surge no Setor de Autarquias Sul, área que foi ocupada c



NENHUM - Ao contrário do SAS, o Setor de Autarquias Norte é um vazio de pré

GIZELLA RODRIGUES
DA EQUIPE DO CORREIO

Quando Brasília foi inaugurada, em 21 de abril de 1960, nem tudo estava pronto para que a cidade fosse sede dos Três Poderes da República. Apesar da grande festa de inauguração, que durou mais de dois dias, a nova capital só foi consolidada em 1964, quando começou de fato a transferência dos órgãos públicos do Rio de Janeiro. Mesmo assim, cartões postais como a Catedral, a Torre de TV e o Parque da Cidade começaram a funcionar anos mais tarde. A Torre de TV foi inaugurada em 1967, a Catedral em 1970 e o Parque da Cidade abriu as portas apenas no final de 1978. As obras, entretanto, não pararam por aí. Hoje, passados 46 anos da data de inauguração, Brasília ainda está em constante construção. Basta uma volta pela área central do Plano Piloto para constatar picaretas e escavadeiras em plena atividade. Além disso, ainda há grandes vazios na área nobre da cidade à espera de obras.

A Administração Regional de Brasília não tem o controle de quantos lotes permanecem vazios no Plano Piloto. Mas um estudo do órgão levantou que pelo menos 32 relevantes projetos arquitetônicos feitos para a cidade nunca saíram do papel. Onze deles foram reunidos e serão expostos na 5ª Bienal de Arquitetura de Brasília, que começou ontem no Centro de Convenções Ulysses Guimarães. O **Correio** teve acesso a seis projetos (**veja quadro**), considerados os mais importantes. Na opinião de arquitetos e urbanistas, todos têm um ponto em comum: qualidade arquitetônica. "É um conceito embutido nos projetos que demonstram que a pessoa que estivesse dentro dos prédios iria se sentir bem tanto em relação ao conforto quanto à estética", explica Adalberto Vilela, assessor de gabinete da administração e um dos coordenadores da exposição dentro da bienal.

De acordo com a pesquisa da administração, a Universidade de Brasília (UnB) deveria ter pelo menos mais três prédios: um instituto, uma praça e uma espécie de centro de idiomas. No Instituto de Arquitetura e Artes funcionaria a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU). Sem a construção do prédio, até hoje a FAU não tem sede e funciona no Instituto Central de Ciências (ICC). E os institutos de artes acabaram se dividindo em departamentos.

O outro projeto era de Oscar Niemeyer e deveria ter sido feito ao lado do ICC. A idéia era integrar o Minhocão à reitoria, a uma biblioteca e a um museu em uma praça que seria chamada Praça Maior. O projeto está previsto desde a criação da universidade. O terceiro projeto é o do Centro Cultural Brasil Japão, um arrojado prédio de três pavimentos em forma de L sustentado por pilotis.

A sede do Instituto Brasileiro do Café (IBC) é o maior projeto que deixou de ser feito em Brasília. A autarquia foi criada pelo governo federal em 1952 e tinha a função de definir as diretrizes da política cafeeira. Em 1977, o arquiteto Adalberto Acioli fez o projeto para a construção da sede do IBC. O prédio, no Setor de Autarquias Norte, teria 20 andares, além de três subsolos, cobertura e heliporto. Mas nunca foi feito porque o IBC foi extinto em 1989. Hoje, o terreno destinado à autarquia, uma área de quase 40 mil m², abriga somente as fundações abandonadas.

O Setor de Autarquias Norte, aliás, é o maior espaço vazio na área central de Brasília. A região contrasta com o burburinho diário do Setor de Autarquias Sul, tomado por prédios públicos e privados. Na área norte, há oito lotes com área semelhante aos 40 mil m² do terreno do IBC, que nunca foram ocupados. A maioria deles é destinada a construção de órgãos públicos. A Secretaria do Patrimônio da União foi procurada para explicar por que os prédios nunca foram construídos, mas a assessoria de imprensa do órgão não localizou ninguém que pudesse comentar o assunto. Para o administrador de Brasília, Luis Antônio Almeida Reis, a mudança da realidade brasileira contribuiu para a não conclusão dos projetos. "O país hoje é menos consumidor de obras faraônicas. Nos anos 70, havia dezenas de grandes obras públicas, como foi a construção da sede do Banco do Brasil. Hoje não é mais assim", afirma.

Outro exemplo é o Setor Cultural Norte, atrás do Teatro Nacional. A área vazia é quase tão grande quanto os 91 mil m² do Setor Cultural Sul, onde só agora foi construído o Conjunto Cultural da República — que abriga a Biblioteca e o Museu Nacional. A área norte está destinada para entretenimento. Na década de 70, Oscar Niemeyer fez dois projetos para a edificação do setor: uma casa de shows e um cinema. "Mas nunca houve prioridade entre os governos recentes para a construção dos projetos", admite o administrador de Brasília. "No futuro, o problema deve ser resolvido em uma Parceria Público Privada já que as atividades previstas para o setor normalmente são prestadas pelo setor privado", afirma Reis.

Para o arquiteto Adalberto Vilela, a não realização dos projetos, por qualquer que tenha sido o motivo, foi uma perda para Brasília. "Eles não foram construídos por razões políticas, burocráticas e até financeiras. Mas a verdade é que toda a arquitetura brasileira perdeu muito. A UnB, por exemplo, não tem até hoje uma praça dentro da universidade", diz. Já Alberto de Farias, coordenador do Centro de Planejamento Oscar Niemeyer da UnB (Ceplan), tem opinião diferente, especialmente no que se refere à universidade. "A não construção desses projetos não significou necessariamente uma perda porque, de certa forma, construiu-se prédios que supriram a falta dos projetos", diz. "Talvez a maior perda foi do ponto de vista arquitetônico, porque uma obra inteira do Niemeyer deixou de ser feita. Mas os projetos posteriores tentaram preservar as idéias dele. Alterações são comuns em uma cidade universitária. Brasília ainda é uma cidade muito nova e vai viver muitas modificações futuramente."

5ª BIENAL DE ARQUITETURA DE BRASÍLIA

Aberta ao público de 11 a 26 de novembro no Centro de Convenções Ulysses Guimarães
Entrada gratuita
De segunda a sexta-feira, das 10h às 21h
Sábados e domingos, das 10h às 22h

Buracos na paisagem

Os lotes vazios na área central da cidade são buracos na paisagem da cidade planejada. Alguns são usados como depósitos de lixo a céu aberto. Os lotes são da iniciativa privada e de instituições, já que a Terracap não tem mais imóveis comerciais no Plano Piloto. Mesmo assim, são um desperdício milionário, já que cada metro quadrado de um terreno não construído no Plano Piloto vale cerca de R$ 20 mil, de acordo com o Conselho Regional dos Corretores de Imóveis do DF (Creci).

É o caso de um terreno no Setor Hoteleiro Norte, de frente para o Eixo Monumental, atrás da Torre de TV. A área de 17 mil m² pertence à Universidade de Brasília (UnB), mas está em litígio na Justiça por causa de um processo com o Grupo OK, do ex-senador Luiz Estevão. Há dez anos, a UnB e a OK fizeram uma incorporação para a construir um imóvel no local. Pelo contrato, a universidade cederia o terreno e a construtora cuidaria da obra. Em contrapartida, a UnB teria participação nos lucros.

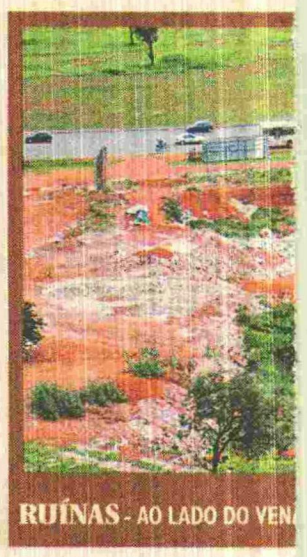
O Grupo OK chegou a abrir o buraco para a construção das fundações do prédio — que provavelmente seria um hotel —, mas não cumpriu cláusulas do contrato e a UnB entrou na Justiça contra a construtora. Desde então, a cratera continua aberta e, como não é cercada, vem sendo usada como depósito de entulho. O secretário de Empreendimentos Imobiliários da universidade, Aloísio Rabelo Machado, diz que a UnB tem tentado aterrar o lote. Segundo ele, a prefeitura do câmpus está finalizando o projeto de licitação da obra, que deve começar dentro de 15 dias. "Vamos tentar solucionar tudo emergencialmente. O problema é que a Justiça é muito morosa", reclamou. Além do lote do Setor Hoteleiro, a UnB tem cerca de outros 30 imóveis vazios na Asa Norte, todos residenciais.

Do outro lado do Eixo Monumental, na parte sul da cidade, há outro buraco enorme. Trata-se do lote C da quadra 9 do Setor Comercial Sul, ao lado do Venâncio 2000. O lote foi criado em cima de uma depressão de 20 mil m² de profundidade. Na cratera, deverá ser construído um prédio-garagem com cinco mil vagas distribuídas em sete subsolos e 17 andares, mas o projeto esbarrou na burocracia. O terreno pertence à Wagner Empreendimentos Imobiliários, que o comprou em um leilão da Terracap em 1992. Antes, ele era da Bibabô, uma loja de departamentos que chegou a iniciar uma construção no local, mas o prédio se transformou num esqueleto abandonado.

Desde que comprou o lote, a imobiliária tenta construir o prédio, que além das vagas de garagem terá três t
"Falta interesse do govern
preendimento saia do pap
ção de Brasília aprovou o
bro do ano passado, já t
mas a papelada está presa
clama Wagner Sarkis. O e
que tem tido prejuízo cor
atualmente funcionam ur
to privativo, uma oficina n
va-jato. "A locação é uma
mizar nosso prejuízo, poi

ENTULHO - Terreno nobre no Eixo Monumental virou lixão

ABISMO - No Setor Hoteleiro Sul, uma cratera entre hotéis



RUÍNAS - AO LADO DO VEN